

CDU 39

O IMAGINÁRIO E O COTIDIANO

Monique Augras

O imaginário é cotidiano e o cotidiano é imaginário. Ambos são dimensões da existência humana, e dimensões complementares.

O imaginário está no âmago de todas as criações do homem, desde o pensamento científico até a simples percepção do mundo. Para a psicologia fenomenológica, o mundo não é dado, mas construído. O ato perceptivo não se limita a simples registro da realidade. É uma atividade complexa que não só recebe, como identifica e reconhece o objeto, atribuindo-lhe valor e significado. Deste modo, ao mesmo tempo em que se funda na presença concreta do objeto, o ato perceptivo abstrai-o mediante o acoplamento da denominação. Gelb (1969) e Goldstein (1969) mostraram como a patologia da percepção do mundo dos objetos permite evidenciar essa dialética. As agnosias revelam uma perturbação da elaboração simbólica: a presença concreta do objeto é percebida, suas qualidades são corretamente descritas, mas falta o reconhecimento do que seja o objeto em sua totalidade. A capacidade de abstração perdeu-se. Não há mais a possibilidade de afastar-se da presença concreta do objeto para reconhecê-lo no plano significativo do mundo. O doente não sabe mais nomear os objetos. Continua usando-os corretamente, mas perdeu as palavras que os designam.

As agnosias evidenciam a importância fundamental da função simbólica na construção do mundo humano. É pelo meio do conceito, isto é, da fala, que

o objeto presente e logo abstraído é restituído ao mundo concreto, recriado, por assim dizer, em sua dimensão cultural.

Rilke aconselhava:

“Se quiseres que uma árvore viva
projeta em volta dela esse espaço interno
que está dentro de ti,
é somente ao tomar forma em tua renúncia
que virá a ser árvore de verdade”. (cit. por Chevalier e Gheerbrant, 1973,
XXXII)

É a renúncia, ou seja, o distanciamento em relação ao objeto concreto, que permite recriá-lo nas dimensões do espaço interno, e devolvê-lo ao mundo pelo testemunho da fala. A criação poética constitui por assim dizer um caso limite da função mediadora da linguagem, “o instrumento mais importante e mais precioso para a construção de um mundo verdadeiro de objetos” (Cassirer, 1969: 45).

Vale dizer: a criação poética somente é possível porque a apropriação do mundo através da linguagem já constitui essencialmente uma atividade de apreensão, reconhecimento significativo e testemunho. Essas três etapas sucedem-se em todos os processos de construção do mundo humano, desde a percepção cotidiana até a complexa elaboração de sistemas científicos ou filosóficos.

É precisamente a segunda etapa que nos interessa aqui, a do reconhecimento significativo. Implica dois aspectos, o reconhecer, ou seja, a identificação e reposição do objeto dentro do universo das coisas já conhecidas, e a atribuição de um valor específico, valor esse que se elabora na conjunção entre o sistema oferecido pela cultura e os valores próprios ao indivíduo. Pois o imaginário — como todas as coisas do homem — é ao mesmo tempo individual e coletivo. Vários autores, Jung, Bachelard, Durand, dedicaram-se a descrever a dialética da construção das imagens, ressaltando suas funções individualizantes (Jung, psicólogo) ou destacando a importância da socialização (Durand, sociólogo).

No entanto, a cultura tecnológica contemporânea tende a desprezar o imaginário individual, especialmente em sua vertente fantástica, para aceitar apenas a parte da atividade imaginativa que alimenta a criação científica. A formalização escolar da educação empenha-se em relegar o florescer das imagens para o domínio da “fantasia”, prontamente enquadrada pelas atividades acadêmicas. Grandes setores da psicologia consideram a atividade imaginária como algo essencialmente imaturo. Até mesmo a psicanálise, da qual se esperaria maior mansue-

tude, somente aceita o imaginário quando racionalizado pela sublimação. No mais, é descumprimento do princípio de realidade.

Em palestra proferida há alguns anos atrás¹ Ângelo Gaiarsa propunha à meditação dos ouvintes a anedota seguinte: "Quando uma criança pequena diz para a mãe, na cozinha — "Olha aí, um elefante!", a mãe imediatamente a repreende, e para sempre, a criança desiste de ver elefante na cozinha". Daí para diante, só no zoológico.

Poder-se-ia dizer, metafóricamente, que a educação para a realidade concreta não passa, em muitos aspectos, de uma persistente caça aos elefantes imaginários. As possíveis razões desse extermínio não serão examinadas aqui, mas é provável que seriam encontradas no cerne das contradições da sociedade contemporânea. O que importa ressaltar é a necessidade de preservar-se contudo o livre exercício da atividade imaginária.

Bachelard (1947) afirma que "um ser privado da função do irreal é tão doente quanto um ser privado da função do real", asserção que o psiquiatra Minkowski (1966) encampa e reforça. Atender ao mesmo tempo às exigências da função do real e do irreal é condição necessária à saúde mental.

A repressão do livre acesso ao imaginário pode estar na raiz de muitos desajustes. É possível que desempenhe papel ponderável na gênese de várias toxicomanias. Pois, de qualquer maneira que seja, o elefante pede passagem. Drogas, pesadas ou leves, levam de volta ao paraíso. E sabemos que uma das características do paraíso é a tranqüila convivência do homem com todos os bichos da terra e do céu. No plano imaginário, é possível conviver com todos os "animais dentro de nós" que, como lembra Jung (1976) também pertencem à natureza. Quem se permite ver elefantes onde bem lhe aprouver, dificilmente necessitará empreender perigosas "viagens". Para ele, estarão sempre abertas as "portas da percepção".

Admitir a livre atuação do "fantasma real de nossa natureza imaginária" (Bachelard, 1947: 249) não significa que se deva mergulhar no puro irracionalismo. Ambas as vertentes, a racional e a irracional, são complementares e necessárias ao equilíbrio. Talvez a dificuldade que se tenha em aceitar essa duplicidade prenda-se ao problema da integração das contradições do ser no mundo.

Ao desenvolver sua síntese antro-po-sócio-psicológica, Edgar Morin (1973) demonstra que o *Homo Sapiens* emergiu como tal ao descobrir-se mortal. A revelação da morte do próximo funciona como detonador da consciência. O

1 Congresso da Sociedade Interamericana de Psicologia. São Paulo, Abril 1973.

corpo morto oferece uma presença ausente da vida. O caráter paradoxal dessa ausência presente leva o homem a apreender a duplicidade do ser no mundo. Assim, conforme Morin, nasce a consciência de si, o sonho, a fantasia, o mito, o homem que pensa, o homem que cria, o "homem imaginário" (1965)

Nesta ordem de idéias, poder-se-ia dizer que a expressão cunhada por Morin é um pleonasma. Criador da cultura, da ciência e do mito, o homem é necessariamente imaginário. *Homo Sapiens é homo duplex* (Morin, 1971).

Não faz sentido, portanto, privilegiar uma só dimensão de acesso ao mundo. O interesse de todos os presentes mostra que é possível reabilitar aquilo que os franceses chamam com leve desprezo "a louca da casa" (*la folle du logis*). Sem essa loucura, o mundo torna-se tedioso, unilateralmente desenvolvido, e o extermínio sistemático dos elefantes imaginários desemboca num desequilíbrio que ameaça, este sim, a adaptação harmoniosa ao mundo interno e externo.

É preciso honrar o imaginário, permitir que aflore em todos os momentos da vida. Não cultivá-lo como simples enfeite, para embelezar o cotidiano, mas em sua qualidade de componente intrínseco do mundo humano. Nem analisá-lo como código fantástico que se deve a todo custo decifrar para desvendar os mistérios da alma. Deixar apenas que convivam conosco todos esses bichos estranhos que fazem parte de nossa própria natureza.

Como bem lembrava Chesterton (1974:98),

"A um cavalo alado não se olham os dentes".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGRAS, M. *O Ser da compreensão*. Petrópolis, Vozes, 1978.

BACHELARD, G. *L'Eau et les rêves*. Paris, José Corti, 1947.

CASSIRER, E. La langage et la construction du monde des objets, In: *Essais sur le Langage*. Paris, Minuit, 1969, p. 37-68.

CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. Porto, Tavares Martins, 1974.

- CHEVALIER, J. & CHEERBRANT, A. *Dictionnaire des symboles*. Paris, Seghers, 1974. 4 v.
- GELB, A. Remarques Générales sur l'utilisation des données pathologiques pour la psychologie et la philosophie du langage In: *Essais sur le Langage*, Paris, Minuit, 1969, p. 227-256.
- GOLDSTEIN, K. L'analyse de l'aphasie et l'étude de l'essence du langage. In: *Essais sur le Langage*, Paris, Minuit, 1969, p. 257-330.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, Record, 1976.
- MINKOWSKI, E. *Psychopathologie Generale*. Paris, PUF, 1958.
- MORIN, E. *Le cinéma ou l'homme imaginaire*, Paris, Gonthier, 1958.
- . *Le vif du sujet*, Paris, Le Seuil, 1971.
- . *Le Paradigme perdu: la nature humaine*, Paris, Le Seuil, 1973.

